

Biblioteca Universitária e Cultura Informacional: o papel da extensão universitária na assistência estudantil

Lorena Tavares de Paula

Doutora e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Debora Crystina Reis

Graduanda Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Resumo: O presente trabalho estabelece análises acerca de como a biblioteca universitária e o bibliotecário podem trabalhar diante de políticas públicas, como a assistência estudantil. Neste sentido foi estabelecida uma pesquisa exploratória por meio de entrevistas semiestruturadas com os alunos residentes da moradia universitária da Universidade Federal de Minas Gerais a fim de verificar a cultura informacional e digital desses sujeitos. Nos resultados, foram percebidas características essenciais da relação dos alunos entrevistados com as tecnologias de informação e comunicação, juntamente com suas práticas de busca e uso de conteúdos relacionados à assistência estudantil. Também foi possível delinear a cultura informacional dos alunos entrevistados, problematizar o papel da Biblioteca Universitária como agente ativo no acesso a informações cidadãs.

Palavras-chave: Biblioteca Universitária; assistência estudantil, políticas públicas, cultura informacional.

INTRODUÇÃO

A sociedade da informação possui um foco na tecnologia, e essa tendência pode muitas vezes alimentar a visão ingênua de que as transformações em direção à sociedade resultam apenas de uma orientação computacional, seguindo uma lógica técnica e estando fora da Bibl. Univ., Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 20-35, jan. /jun. 2017.

interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa, em que “fatores sociais pré-existentes, a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais” (WERTHEN, 2000).

Neste cenário, o comportamento informacional de sujeitos inseridos em espaços de integração socioculturais demanda relações com fontes de saber que os possibilitem usufruir de oportunidades e apropriações que os posicionem para auferir chances e benesses que lhes são de direito. Neste cenário, a presente pesquisa buscou elucidar como a biblioteca universitária pode auxiliar a formação da cultura informacional dos alunos da UFMG sobre a assistência estudantil. Em um processo metodológico foi traçado um perfil da cultura informacional e digital dos alunos, objetivando a caracterização do comportamento de busca e uso de informação para a assistência estudantil. Nos resultados, foram estabelecidas prerrogativas para uma cultura informacional na conjuntura da assistência estudantil, na qual a extensão da biblioteca universitária pode assumir um papel estratégico.

CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL: ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A caracterização conceitual objetiva a elucidação de aspectos que identificam a sociedade da informação na qual a universidade pública está inserida. Têm-se a descrição da assistência estudantil no Brasil, especificando o cenário da UFMG. São apresentados também conceitos que orientam a compreensão da cultura informacional especificamente no trabalho de extensão das bibliotecas universitárias. A presente revisão conceitual foi estabelecida para oferecer insumos para as análises dos dados de acordo com as conjecturas apresentadas na metodologia.

Sociedade da informação na pós-modernidade

Correntes teóricas das Ciências Sociais tratam a contemporaneidade como pós-modernidade, porém não há consenso sobre essa definição. Alguns autores sequer utilizam a expressão “pós-modernidade” para definir o momento contemporâneo em que a sociedade da informação se insere. São eles, por exemplo, Bauman (1998, 2005), que denomina de “modernidade líquida”; Giddens (1991, 2002), que usa a expressão “modernidade tardia”; Jameson (1991), e seu “capitalismo tardio”; e Harvey (1992), com a expressão “sociedade pós-

industrial”. No presente trabalho segue-se a prerrogativa que a modernidade se baseia na razão e no saber, caracterizada também pela fugacidade de suas vivências, pois a busca insaciável pelo saber, que a todo momento se modifica, a torna uma sociedade líquida, a prerrogativa essa sugerida por Bauman (2005).

Na contemporaneidade, o desenvolvimento tecnológico ganhou maior intensidade, e a informação tornou-se elemento estratégico para as atividades socioeconômicas de vários segmentos sociais. “O acesso a determinadas informações possibilita vantagens de ações antes inexistentes. O homem passa a ser encarado como um processador e um agregador de informações” (MIRANDA; SIMEÃO, 2005). Então se estabelece a relação *homem x informação*.

Nessa relação de *homem x informação* percebe-se a “Sociedade da Informação” descrita por Matterlart (2002, p.145) como um discurso apologético.

Os discursos sobre a sociedade da informação zigzagueiam entre dois axiomas opostos: a entrada na nova era das mediações ou a saída dessa mesma era. A contradição implicada por esse jogo em dois tabuleiros é apenas aparente. Pois esse par argumentativo converge para atestar o fim dos grandes determinantes sociais e econômicos na construção de modelos de implantação das tecnologias digitais de redes.

As tecnologias digitais e de rede influenciam as práticas de diversos segmentos sociais, atendendo às necessidades das mais diversas áreas culturais, sociais e profissionais. Para o desenvolvimento econômico, a tecnologia pode funcionar como mecanismo de intervenção social para melhoria da condição social ou para o aumento das desigualdades econômicas.

A universidade pública brasileira encontra-se inserida em um campo social e cultural que contempla diferentes sujeitos de aspectos sociais e culturais distintos. Essa instituição precisa estar comprometida com o acesso a informações no quadro de uma infoética e do respeito à diversidade cultural diante do cenário de acesso a conteúdos de maneira remota.

Assistência estudantil na contemporaneidade: descrição do contexto da UFMG

Em 2010, houve a criação da Portaria Normativa nº 7.234, sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que oferece ao aluno vulnerável socioeconomicamente assistência estudantil em moradia, alimentação, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. As ações e a supervisão que proporcionam essa assistência são responsabilidade da instituição de ensino.

O PNAES apoia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior (IFES). O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão. (BRASIL, 2016).

A Universidade Federal de Minas Gerais tem a assistência estudantil dos alunos gerida pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), criada unicamente com este intuito. Desde 1973 a FUMP é reconhecida e nomeada como “entidade filantrópica”, sendo responsável pelo programa de moradia, pela alimentação e distribuição de bolsas.

O Programa de Moradia Estudantil da UFMG foi criado em 2001 com a construção da Moradia Ouro Preto I, tendo continuidade em 2006 com a Moradia Ouro Preto II, ambas situadas na cidade de Belo Horizonte, e juntas comportam cerca de 645 pessoas. A moradia na cidade de Montes Claros, Cyro Versiani dos Anjos, foi entregue em 2002.

O Programa de Moradia Estudantil da UFMG tem requisitos de aprovação e seleção, tais como estar cursando o primeiro curso de graduação, estar no 1º ou 2º semestre do curso e não ter familiares residindo em Belo Horizonte ou nas cidades metropolitanas, cidades estas que não são aceitas para entrada no Programa Permanente, isto é, alunos regularmente matriculados que residam ou tenham seu núcleo familiar em cidades metropolitanas não têm direito à vaga na Moradia.

Para que o estudante seja assistido pelo Programa, deve possuir um perfil que se enquadre nos seguintes critérios: sua renda não pode ultrapassar um salário mínimo e meio, *per capita*; deve estar matriculado em cursos com carga em média de cinco horas diárias; e não deve passar de dois semestres excedentes para integralização do curso, segundo a portaria do PNAES.

A Fundação Universitária Mendes Pimentel tem como política o nivelamento da assistência, isto é, colocam-se três níveis: do mais vulnerável socioeconomicamente (Nível 1) até o menos vulnerável (Nível 3). Esse nivelamento é feito pela equipe de assistentes sociais da FUMP, no qual o estudante, quando se cadastra para a assistência, acumula pontos, de acordo com o contexto em que está, porém as características e discussões não são publicizadas.

As informações sobre o funcionamento da assistência estudantil na UFMG são oferecidas essencialmente em meio digital no *site* da FUMP. Para acessar esses conteúdos, os alunos devem possuir competências que os coloquem em contato com o espaço digital formulado e conseguir interagir com as informações de maneira objetiva. Neste trabalho, os

alunos assistidos pela assistência estudantil da UFMG serão considerados diante de suas competências informacionais, a fim de se estabelecer uma compreensão da cultura informacional na qual estão inseridos.

Cultura informacional e biblioteca universitária: relações de extensão

Os estudantes inseridos no quadro da assistência estudantil da UFMG podem ser considerados “nativos digitais”. Um nativo digital pode ser definido como um jovem (ou adulto) que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Caracterizam-se principalmente por suprir suas necessidades informacionais e tarefas com o computador ou outro dispositivo com acesso à internet.

Compreender a cultura informacional desses sujeitos requer entender o significado da necessidade e competência informacional. Neste sentido, pode-se citar Figueiredo (1983), que revisou os conceitos de necessidade, demanda e uso da informação e afirma que esses conceitos dependem dos valores da sociedade, da expectativa de satisfação, da disponibilidade e acessibilidade, sendo, portanto, difícil estabelecer relações entre as necessidades, as demandas e os usos da informação.

No ambiente virtual, a busca de informação sugere um comportamento que é parte integral de uma atividade social. Essa atividade é estabelecida quando uma informação torna-se útil para um grupo específico de pessoas e, dessa maneira, atende às necessidades informacionais em um âmbito social específico.

Toda prática social neste espaço é uma prática informacional, expressão esta que se refere aos mecanismos cujos significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização (MARTELETO, 1995).

Pode-se considerar que a cultura informacional emerge do conceito de competência informacional (*Information Literacy*).

As dimensões da competência informacional podem ser exemplificadas como: 1) conhecimentos sobre a arquitetura e o ciclo da informação; como obter produtos e serviços de informações; como selecionar fontes, canais, contextos e tecnologias adequados de informação para solucionar problemas específicos de usuários de informação específicos; 2) habilidades de detectar necessidades; avaliar o custo/benefício da busca e uso da informação para solucionar problemas; lidar com a TI; 3) atitudes de integridade, controle e

compartilhamento, transparência, proatividade numa “cultura informacional” rica e positiva capaz de avaliar o valor da informação para cada usuário no intuito de atender suas necessidades, que especifica conhecimentos, habilidades e atitudes de um usuário que desenvolve a competência informacional e a sua eficiência e efetividade em reconhecer suas necessidades de informacionais e atende-las para cumprir objetivos em suas tarefas e resolver seus problemas informacionais. (MIRANDA, 2006, p. 103).

O conhecimento sobre formas de acesso à informação, que sejam coerentes com a necessidade informacional, demonstra habilidade em recuperar informações, a fim de compartilhar com outros sujeitos, também interessados em interagir sobre as fontes acessadas. O sujeito competente informacionalmente sabe como encontrar as fontes de informação que necessita e, também, usá-las de forma eficiente.

No que tange à configuração da cultura informacional no espaço universitário, pode-se afirmar que ela é percebida pelo modo como atores desse espaço lidam com a informação e as ferramentas de acesso. A forma como esses sujeitos reconhecem e apresentam essa informação está inexoravelmente ligada aos seus valores culturais e sociais. Sendo assim, a cultura que rege o uso de informação está associada ao conjunto dos artefatos construídos pelos sujeitos em sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens), pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem sua vida material e simbólica (MARTELETO, 1995). Neste sentido a biblioteca universitária pode ser considerada um espaço essencial para as Instituições de Ensino Superior (IES), pois é o organismo responsável pela organização e disseminação das comunicações científicas e conteúdos informacionais dentro de uma instituição de ensino. O pleno funcionamento da biblioteca universitária garante o funcionamento das atividades fins das IES: ensino/aprendizagem, produção científica e extensão.

Dias e Pires (2003) explicam que algumas das funções da Biblioteca Universitária são: prover informações referenciais e bibliográficas específicas, essenciais ao ensino e à pesquisa. O seu diferencial com relação a outras unidades de informação ocorre em virtude de a educação ser a base do planejamento.

O papel central dessa biblioteca é atender às necessidades informacionais da comunidade acadêmica (corpo docente, discente, pesquisadores e técnico-administrativo), direcionando suas coleções aos conteúdos programáticos e aos projetos acadêmicos dos cursos ministrados pela instituição a qual se encontra inserida. Ela também deve proporcionar processos formativos de modo a promover a competência informacional dos usuários.

A extensão da biblioteca universitária pode objetivar o apoio à cultura informacional das comunidades atendidas por meio de programas de educação de usuários. De Freitas (2009) explica que as bibliotecas têm como desígnio o apoio ao processo educativo das comunidades, afirmando que “a criatividade nos serviços de extensão de uma biblioteca concorre para que se efetuem mudanças significativas no processo de desenvolvimento das potencialidades de uma comunidade, aproximando-a dos benefícios do ato de ler como ampliação do universo intelectual”.

Essa caracterização permite a inferência de que a biblioteca universitária pode e deve extrapolar as ações que movimentem conteúdos que se relacionam às necessidades dos usuários, para além da documentação técnico-científica. O papel dos serviços de extensão da biblioteca universitária pode ser considerado como serviços em prol do direito universal de acesso à informação. Diante disso, cabe à biblioteca pensar formas de possibilitar o acesso a diversas informações necessárias aos docentes e discentes da instituição.

Então, indaga-se se os estudantes que dependem de informações “estratégicas” para sua permanência na universidade sobre a assistência estudantil estão integrados em uma cultura informacional que atende às suas necessidades? Independentemente da resposta a essa pergunta, outra indagação que se faz é: como a biblioteca universitária pode auxiliar na cultura informacional dos discentes? A partir dessas questões, apresenta-se a metodologia que norteou o presente estudo, com o objetivo de estabelecer um perfil da cultura informacional que envolve os sujeitos (alunos) que precisam acessar conteúdos em meio digital para possibilitar sua permanência na universidade. Neste sentido, objetivando refletir sobre como a biblioteca universitária pode auxiliar a instituição de ensino a fomentar essa cultura entre os discentes.

METODOLOGIA

O método é caracterizado pela percepção de uma realidade, de forma que as relações sociais analisadas pela pesquisa sejam devidamente contextualizadas num espaço e num tempo e, também, sejam orientadas por descrições coerentes desse processo.

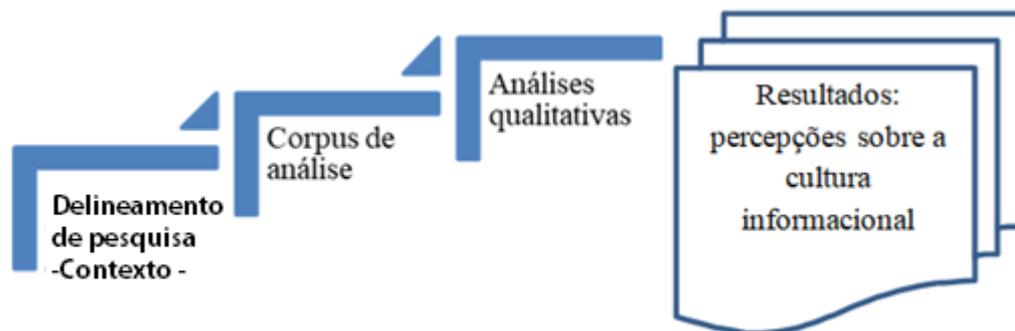
Os métodos são regras precisas e fáceis, a partir da observação exata das quais se terá certeza de nunca tomar um erro por uma verdade, e, sem aí desperdiçar inutilmente as forças de sua mente, mas ampliando seu saber por meio de um contínuo progresso, chegar ao conhecimento verdadeiro de tudo que se é capaz. (DESCARTES apud LAVILLE; DIONNE; SIMAN 1999, p. 11)

Neste trabalho, a metodologia acompanha as quatro dimensões da investigação social proposta por Bauer e Gaskell (2004, p. 20):

Defendemos a ideia de que as dimensões devem ser vistas como escolhas relativamente independentes no processo de pesquisa e que a escolha qualitativa ou quantitativa é primariamente uma decisão sobre a geração de dados e os métodos de análise, e só secundariamente uma escolha sobre o delineamento da pesquisa ou de interesse de conhecimento.

A presente pesquisa seguiu três dimensões para análise da cultura informacional de alunos da UFMG sobre a assistência estudantil.

Figura 1 – Dimensões da metodologia



No desenvolvimento deste trabalho, primeiro efetivou-se o delineamento da pesquisa de acordo com os seus princípios estratégicos, tais como contextualização social e descrição conceitual que fundamenta a investigação. Em seguida, houve a preparação para a coleta de dados, seguindo as perspectivas dos estudos de usuários, por meio de entrevistas e questionários semiestruturados. O questionário desenvolvido no *Google Forms* foi disponibilizado *online* para os alunos residentes da moradia universitária. Foram obtidas 25 respostas de alunos das Moradias I e II, de Belo Horizonte.

Em sequência passou-se a um tratamento analítico dos dados, no qual se objetivou a percepção da cultura informacional da comunidade entrevistada sob três conjecturas:

Conjectura 1 – Perfil de competências informacionais e digitais;

Conjectura 2 – Comportamento informacional;

Conjectura 3 – Prerrogativas para uma cultura informacional na conjuntura da assistência estudantil.

A partir das conjecturas de análise chega-se à quarta dimensão, que são os resultados consolidados da pesquisa, apresentando as percepções sobre a cultura informacional dos estudantes acerca da assistência estudantil e o papel da extensão da biblioteca universitária diante desse cenário.

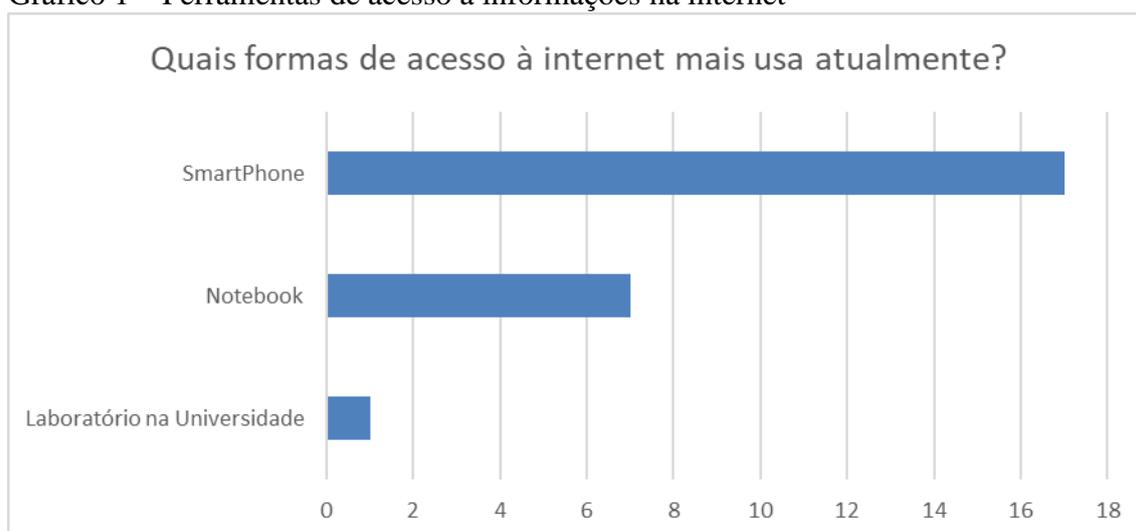
RESULTADOS

Na análise da Conjectura 1, que apresenta o perfil dos respondentes. O questionário, que contava com 15 questões, das quais duas questões verificaram a relação do estudante com o ambiente digital e suas competências para acessar informações nesse espaço.

Verificamos a existência de restrições quanto ao acesso a fontes digitais enquanto os estudantes estavam em suas cidades de origem, por exemplo, falta de acesso diário, ou de ferramentas para tal. Setenta e seis por cento (76%) deles afirmaram que acessavam informações na internet “várias vezes ao dia”.

Além disso, levou-se em conta o *hardware* utilizado para o acesso atualmente: sessenta e oito por cento (68%) dos respondentes disseram que acessam a internet em seus *smartphones* e vinte e oito por cento (28%) pelo *notebook*. Diante da facilidade de manuseio dos *smartphones*, pode-se supor que os respondentes efetivaram esses acessos várias vezes ao dia também.

Gráfico 1 – Ferramentas de acesso a informações na internet



Enquanto estudantes da UFMG, a prática de acesso às informações pelo *smartphone* permanece. Observando o Gráfico 1 percebe-se que a maioria dos respondentes afirma utilizar

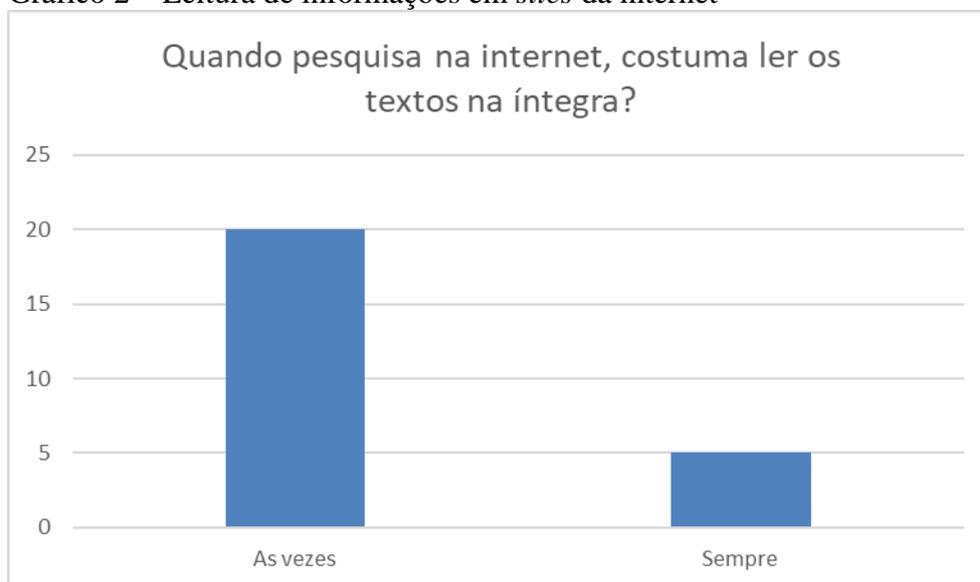
para o acesso à internet o *smartphone*. O *notebook* é ainda utilizado por cerca de metade dos alunos que participaram da pesquisa. Os laboratórios da Universidade são aparentemente pouco utilizados para o acesso à internet.

Esse resultado demonstra que a relação dos alunos nativos digitais com as informações em meio digital é extremamente pessoal. Eles acessam o universo da *web* em seus aparelhos celulares, os quais estão à disposição em tempo integral, em praticamente todos os espaços que queiram frequentar. A busca por informações para sanar suas necessidades informacionais encontra-se integrada às suas práticas sociais na internet, que podem envolver desde pesquisas no Google, até buscas, compartilhamentos e acessos a conteúdos em redes sociais, *e-mails* e serviços de mensagens instantâneas.

A análise da Conjectura 2 foi estabelecida nas quatro questões do questionário que versavam sobre comportamento informacional.

Questionamos sobre a forma de leitura das informações. Perguntamos se a leitura dos conteúdos nos *sites* da internet era efetivada de forma integral ou não. Também sobre como os estudantes consideravam confiável uma informação. Por fim, foi feita a indagação sobre o grau de dificuldade de encontrar informações de assistência estudantil por meio da UFMG/FUMP.

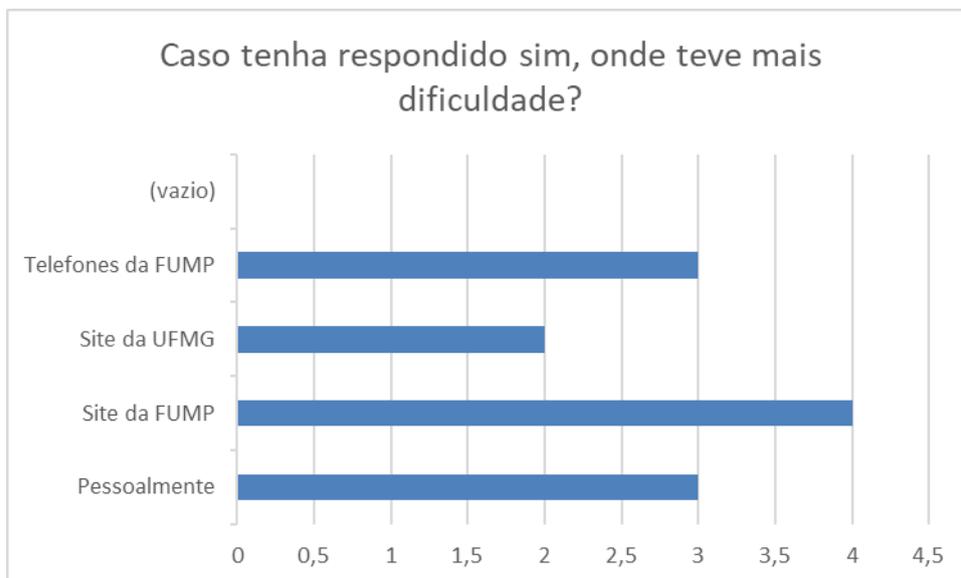
Gráfico 2 – Leitura de informações em *sites* da internet



O Gráfico 2 apresenta que a leitura integral dos conteúdos de *sites* da internet é feita superficialmente. Cinco respondentes afirmaram ler o texto integralmente no *site* consultado. A maioria dos alunos respondeu que às vezes faz a leitura integral.

Em sequência, foi perguntado se os alunos tiveram “dificuldade em encontrar informações sobre assistência estudantil na UFMG”. O resultado foi que 48% dos respondentes disseram ter dificuldade e os principais pontos destacados foram:

Gráfico 3 – Dificuldades no acesso a informações sobre assistência estudantil



De acordo com o Gráfico 3, os respondentes afirmam que a maior dificuldade no acesso a informações sobre assistência estudantil é com o *site* da FUMP. Mas o descontentamento com o acesso é significativo também no contato telefônico e pessoalmente. O *site* da UFMG teve um índice menor de dificuldade no acesso aos conteúdos, mas deve-se ressaltar que ele apenas apresenta informações resumidas sobre a assistência estudantil e orienta o usuário a buscar informações no *site* da FUMP.

Esse resultado pode orientar o entendimento de que há uma considerável dificuldade no acesso a informações sobre assistência estudantil no *site* da FUMP. Mas há também que se considerar a maneira como os alunos lidam com o conteúdo ofertado nesses espaços. O dado sobre a leitura de conteúdo na internet, no qual a maioria respondeu que às vezes lê o conteúdo na íntegra, pode ter valor significativo para compreender alguns problemas em localizar informações.

Na Conjectura 3 analisa-se a cultura informacional dos estudantes. Nessa conjectura pergunta-se sobre o conhecimento dos estudantes acerca do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Queríamos saber se os alunos da moradia sabiam o que é o PNAES, principal documento que versa sobre a assistência estudantil. De acordo com as respostas recebidas, quarenta e oito por cento (48%) dos alunos **não** sabiam o que era, em contraste com

52% que dizem saber sobre o programa. Além disso, trinta e dois por cento (32%) dos respondentes disseram que conheceram a assistência estudantil por meio de amigos, enquanto vinte e quatro por cento (24%) disseram que procuraram no *site* da UFMG, e não no da FUMP.

No questionário foi deixado um espaço no qual os respondentes puderam sugerirem melhorias nos espaços digitais da Universidade para facilitar o acesso e a compreensão sobre assistência estudantil. Vinte e cinco por cento (25%) dos respondentes apresentaram propostas ao *site* da FUMP primordialmente. Nas respostas há indicações para a organização da informação do *site*, tais como “uma parte para perguntas frequentes”. Os respondentes também recomendaram: “Divulgação e clareza nos detalhes do *site*”. Também afirmaram que precisam deixar as “Informações mais claras e menos escondidas, ou seja, mais públicas”. Outros pontos que podem ser consideradas pertinentes são: “informações disponibilizadas no *site* também deveriam estar disponíveis no Minha UFMG” e a assistência estudantil “poderia ser um tópico de uma oficina nos eventos de recepções de calouros, ou uma parceria com a DRCA (Diretoria de Registro e Cadastro Acadêmico)”. Essas sugestões são coerentes e demonstram culturalmente e socialmente como os alunos buscam informações.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA INFORMACIONAL E A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Realizadas as análises, podemos perceber que existem empecilhos no acesso a informações nos principais espaços digitais que disponibilizam conteúdos pertinentes às demandas informacionais dos alunos sobre assistência estudantil. Os respondentes sugerem mudanças estratégicas na disponibilização das informações e na forma de divulgação desses espaços digitais, por exemplo, uma oficina na semana dos calouros com esclarecimentos a cerca da assistência estudantil na UFMG.

Quando observa-se a cultura informacional dos estudantes da UFMG, podem-se considerar dois aspectos relevantes em suas interações com o conteúdo em meio digital. Primeiro, a falta de costume em ler informações na íntegra. Esse elemento pode ser considerado um agravante da “falta de informação”. Percepções quanto a cultura informacional no acesso a conteúdo *online* permanece a mesma desde sua saída de sua cidade natal até o ingresso na Universidade. O segundo aspecto que impacta fortemente a cultura informacional desses estudantes é o uso dos *smartphones*.

As informações disponibilizadas nos *sites* da Universidade e da FUMP são preparadas para serem acessadas primordialmente em computadores. As disposições das informações no

site podem não contemplar uma arquitetura informacional para *smartphone*, o que pode prejudicar o acesso ao conteúdo.

Ficou evidente que a cultura informacional está inserida na percepção da modernidade líquida, na qual a fluidez das interações socioculturais no espaço da internet é estabelecida de maneira objetiva e superficial. Além disso, a transição para os mecanismos *mobiles* é uma realidade incontestável. Observa-se a latente necessidade de adaptação dos meios digitais à realidade cultural do público vigente, na qual um aplicativo para *smartphone* parece ser mais eficiente que um *site* com informações textuais longas.

O bibliotecário pode ser considerado um aliado para o fomento da cultura informacional dos alunos. Ele pode atuar desde a elaboração de resumos objetivos dos conteúdos disponibilizados, até a reestruturação da arquitetura da informação dos *sites*. E ainda poderia realizar a mudança da interface do *site* e o modo de organização, forma de tratamento da informação, entre outras demandas para as quais o bibliotecário se torna importante na pauta.

Sobretudo, a extensão da biblioteca universitária pode promover fóruns formativos para apresentar aos estudantes informações estratégicas dentro do ambiente universitário. Essa ação pode ser efetivada com oficinas de reconhecimento de recursos informacionais para a assistência estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência estudantil pode ser um elemento fundamental para a permanência de alunos com renda baixa na Universidade. Diante disso, o acesso às informações precisa atender plenamente as prerrogativas da cultura informacional na qual estão inseridos os potenciais alunos a serem acolhidos pela FUMP.

Foi constatado que, para sanar suas necessidades, os estudantes buscam espaços objetivos dos ambientes da internet, como: “perguntas frequentes”. Também querem visualizar precisamente os conteúdos.

Bibliotecários podem ser considerados também agentes educacionais. No contexto das bibliotecas universitárias, eles têm a chance de colocar em prática o “ensinar a aprender” da competência informacional. Neste sentido, o fomento à cultura informacional pode ir além do fomento ao acesso à literatura técnico-científica.

A biblioteca universitária pode se tornar uma referência para os alunos que necessitam de informações específicas para manter-se na Universidade. Atuando nesta frente, a biblioteca

estaria cumprindo seu papel social, como um local que efetiva a democratização da informação e fomenta a competência informacional em frentes diversificadas e necessárias.

UNIVERSITY LIBRARY AND INFORMACIONAL CULTURE: University extension role in student assistance

Abstract: This work provide reviews about how the university library and the librarian can work with public politics, like student assistance. For this purpose established a exploratory research through semi-structured interviews with students that living at student residence of University Federal de Minas Gerais, in order to chart a profile the informational culture and digital these individuals. The results, were seen characteristics essentials of relations of students interviewed with information and communication technologies (TICs), just as yours practices of search and use contents related to Student Assistance. Also was possible trace an profile of informational culture from interviewed students, just as problematize the university library role like agent in access information for citizens.

Keywords: University Library; student assistance, public policy, information literacy

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 516 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010*. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil–PNAES. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 de Jul. 2010. Seção 1. p. 5. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/6652601/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-07-2010?ref=next_button>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *REUNI 2008: Relatório do Primeiro Ano*. Brasília, DF, 2009. 17p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Superior – SESu: Diretoria de Políticas e Programas de Graduação*, Brasília, DF, 2016.

DIAS, Maria Matilde; PIRES, Daniela. *Formação e desenvolvimento de coleções de serviços de informação*. São Carlos: Edufscar, 2003.p.57.

FIGUEIREDO, Nice M. *Aspectos especiais de estudos de usuários*. *Ciência da Informação*, v. 12, n. 2, p. 43–57, jul./dez. 1983.

FREITAS, Sonia Marli Barbosa. *Os serviços de extensão das bibliotecas como apoio ao processo educativo das comunidades*. *BIBLOS*, v. 9, p. 139-1001, 2009.

LAVILLE, C.; DIONNE, J.; SIMAN, L. M. C. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

MARTELETO, R. M. *Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, 1995

MATTELART, A. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, c2002. 197 p.

MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. *Informação e tecnologia: conceitos e recortes*. Brasília: UnB, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2005. 257 p.

WERTHEIN, Jorge. *A sociedade da informação e seus desafios*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

PAULA, Lorena Tavares de; REIS, Debora Crystina. *Biblioteca Universitária e Cultura Informacional: o papel da extensão universitária na assistência estudantil*. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 20-35, jan./jun. 2017.